

A SOCIOLINGUÍSTICA E AS NARRATIVAS POPULARES: UMA ANÁLISE DA VARIÇÃO LINGUÍSTICA

Maria Adriana Leite ALVES¹
Escola de Ensino Fundamental e Médio Alda Férrer Augusto Dutra
adriana_lavras@outlook.com

RESUMO: Buscamos evidenciar à luz da Sociolinguística, as possibilidades de desenvolver um trabalho com a língua em uso, fazendo a comunhão entre esta ciência e a Literatura popular. Uma vez que a Sociolinguística possui várias vertentes, escolhemos para estudo, dentre elas, a vertente variacionista ou laboviana, especificamente o enfoque com a variação linguística, no seu eixo interno à língua: a variação fonológica, especificamente os processos fonológicos de monotongação e alçamento das vogais médias, como forma de mostrar que é possível desenvolver, em sala de aula, atividades que envolvam a fala usual do nosso aluno, bem como o seu contexto sociocultural.

PALAVRAS-CHAVE: Conto popular. Sociolinguística. Variação linguística.

SOCIOLINGUÍSTICA AND POPULAR NARRATIVES: AN ANALYSIS OF LANGUAGE VARIATION

ABSTRACT: We try to show, in the light of sociolinguistics, the possibilities of developing a work with the language in use, making the communion between this science and popular literature. Since Sociolinguistics has several aspects, we chose to study, among them, the variant strand or laboviana, specifically the focus with the linguistic variation, in its internal axis to the language: the phonological variation, specifically the phonological processes of monotong and elevation of the medium vowels, as way to show it is possible to develop activities in the classroom that involve the usual speech of our student, as well as their sociocultural context.

KEYWORDS: Folk tale. Sociolinguística. Language variation.

1 INTRODUÇÃO

A literatura popular é tão rica e valiosa que vem ganhando maior espaço com o surgimento das novas tecnologias, as quais contribuem para uma maior divulgação em todas as camadas sociais, das inúmeras manifestações artísticas que a compõem. Dentre essas manifestações estão às narrativas populares, que representam a memória social de uma comunidade, guardadas e transmitidas, com alterações, pelo povo, como verdades universais. Fazem parte da tradição popular, servem para fazer rir ou chorar, transmitem lições de vida para as pessoas.

¹ Professora efetiva da rede estadual do Ceará, na cidade de Lavras da Mangabeira. Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PROFLETRAS) – UFCG – Universidade Federal de Campina Grande – Campus Cajazeiras-PB (2016).

O conto popular, transmitido oralmente há séculos, passa por mudanças no cenário atual, pois antigamente ouvíamos as histórias nas casas dos nossos avós, contadas por eles ou amigos da família, geralmente à noite, como forma de entretenimento; atualmente as contações de histórias continuam, no entanto, através daquele e de outros meios de veiculação, como as mídias sociais.

Nesse sentido, é muito importante que o professor de Língua Portuguesa seja/esteja interessado pela cultura local e identifique os eventos de contação de histórias, bem como os leve à sala de aula. Por meio da prática do contar, se comprova que a língua não é abstrata e muito menos homogênea, ela é viva e heterogênea, pois, por exemplo, dentro de pequenas comunidades, há pessoas de diferentes espaços, zona rural ou urbana, com formações escolares diferentes que têm muito a acrescentar à formação dos educandos.

Essas comunidades possuem histórias que podem e devem ser levadas à escola. E esta é uma adequada oportunidade para ressaltar a importância de se conhecer a variação linguística. É preciso ter consciência e aceitar que há muitas maneiras de se dizer uma única coisa, o que vai ser fator de diferença é o ambiente e o interlocutor, fatores que influenciam a monitoração de uma conversa. Quando se fala da fala espontânea, todas as pessoas, indiferentes de grau de instrução, meio social, sexo e espaço, podem transmitir os conhecimentos adquiridos ao longo de várias gerações, da forma que melhor lhe convier.

Segundo Bagno (BAGNO, 2007b), o trabalho que devemos desenvolver em sala de aula com os nossos alunos, além do proposto pelos documentos que regem a educação brasileira, é fazer com que eles reconheçam a sua língua como dinâmica e heterogênea, sabendo adequá-las às diversas situações de uso. O aluno, ao adentrar no universo escolar, já tem uma gramática internalizada; passará a contrastá-la com a gramática escolar ou normativa. Então, cabe a nós mostrar-lhes, por exemplo, que o conhecimento dos contos populares que eles trazem para a escola é importante, e nada melhor do que ir além, coletar

junto à comunidade tais histórias e levá-las para sala de aula, como elemento da cultura do seu local de origem.

Nesse direcionamento, o presente artigo busca evidenciar, à luz da Sociolinguística, possibilidades de desenvolver um trabalho com a língua em uso, fazendo a comunhão entre esta ciência e a Literatura popular. O corpus de análise é o conto *A fuga de Lampião em Lavras da Mangabeira- Ceará*, contado pelo senhor José Teles da Silva que narra a passagem do famoso rei do cangaço, Lampião, pela cidade de Lavras da Mangabeira.

Esta é uma pesquisa quanti-qualitativa. Envolve, de um lado, a história da cultura local que não pode ser mensurada ou quantificada por se tratar de suas particularidades, subjetividades que podem ser diferentes de pessoa a pessoa e, por outro lado, também pesquisamos as características variacionistas da linguagem, as quais podem ser quantificadas.

A pesquisa se justifica por desenvolver um estudo que visa descrever, estimular e valorizar o conhecimento do aluno, sua cultura, saberes que este vem adquirindo desde a tenra idade e que muitas vezes não são considerados ao chegar à escola. Além disso, estamos fazendo uso da cultura local e indo além, apropriando-se dela para realizar uma aprendizagem em língua materna real.

Outro ponto é que destacamos os usos da produção oral, com a sua gama de variação que, para muitos, é motivo de preconceito, mas que é a partir da oralidade que o aluno vai conseguindo agregar as palavras e transferi-las para a modalidade escrita, além de vermos que graças à oralidade, os contos populares perduram através de várias gerações que deixam este legado histórico para a posteridade.

2 SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO

A diversidade linguística merece ponto de destaque nos estudos linguísticos e uma área específica que aborde a sua temática, através da correspondência entre a língua e a sociedade. A Sociolinguística é considerada nova no meio acadêmico, se considerarmos a sua origem, recebe contribuições de outras áreas para estudar o funcionamento da língua no seio da sociedade. Conforme Monteiro (2000, p. 27), a Sociolinguística dialoga com ciências afins, tais como a dialetologia, a sociologia da linguagem, a etnografia da comunicação, a pragmática e a geografia linguística, no entanto, apesar de todas possuírem em comum o mesmo conteúdo material, elas se diferem em algum aspecto.

A Sociolinguística, como ciência, surge em meados da década de 1960 nos Estados Unidos. Muitos cientistas decidiram unir língua e sociedade, vendo-as como indissociáveis para compreender a variação e a mudança que ocorre no seu interior (BAGNO, 2007b, p. 28). O precursor foi o sociolinguista William Labov, um dos pioneiros, de acordo com Bortoni-Ricardo (2014, p. 12-13), a desenvolver um trabalho que visava analisar a variedade linguística, sendo reconhecido como o nome mais importante da área.

Para Bortoni-Ricardo (2014), a origem da Sociolinguística remonta, portanto, ao século XX, no entanto, antes desta data já havia alguns autores que abordavam em seus trabalhos a concepção social da língua, tais como o linguista francês Meillet (1866-1936), além dos linguistas russos Marr (1865-1934), Bakhtin (1895-1975) e membros do Círculo Linguístico de Praga. Estes, segundo Bortoni-Ricardo (2014, p. 11),

[...] levavam em conta o contexto sociocultural e a comunidade de fala em suas pesquisas linguísticas, ou seja, não dissociavam o material da fala do produtor dessa fala, o falante – pelo contrário, consideravam relevante examinar as condições em que a fala era produzida.

Porém, o passo inicial para o surgimento desta disciplina interdisciplinar foi dado por William Labov que liderou um grupo de sociolinguistas que desenvolveram pesquisas contrastivas entre a variedade do inglês, que era a língua materna dos alunos que

pertenciam a um grupo linguístico minoritário, e o inglês padrão, ensinado nas escolas. Por esse viés, “essa ciência voltou-se prioritariamente para a descrição da variação e dos fenômenos em processo de mudança, inerentes à língua, expandindo-se depois para outras dimensões da linguagem humana” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 13).

Enquanto disciplina, conforme cita Bortoni-Ricardo (2014), a ciência supracitada possui três vertentes mais conhecidas, que são: a Sociolinguística Variacionista (William Labov), a Etnográfica (Dell Hymes) e a Interacional (John Gumperz e Erving Goffman). A última vertente, a Sociolinguística interacional, ainda se desdobra e atende à Sociolinguística escolar. Mollica (2015, p. 10) acrescenta que “são muitas as áreas de interesse da Sociolinguística: contato entre as línguas, questões relativas ao surgimento e extinção linguística, multilinguismo, variação e mudança constituem temas de investigação na área”.

Mollica (2015) ainda destaca que “a Sociolinguística considera a importância social da linguagem, dos pequenos grupos socioculturais a comunidades maiores”, não denegrindo falares e comunidades, com preconceito ou estereótipos, mas estabelecendo um olhar com o intuito de conhecer a diversidade comunicativa de uma comunidade, ou mesmo de um indivíduo.

Nesse sentido, salientamos a importância de conhecer os pressupostos sociolinguistas para desenvolver trabalhos em sala de aula, por esta não distinguir as linguagens em maior ou menor prestígio, mas apresentar as suas variações de acordo com os seus *status*.

Romaine (1994) citado por Monteiro (2000, p.25)

Informa que o termo sociolinguística foi cunhado em 1950 para referir-se às perspectivas conjuntas que os linguistas e sociólogos mantinham face às questões sobre as influências da linguagem na sociedade e, especialmente, sobre o contexto social da diversidade linguística.

William Labov, pioneiro da Teoria da Variação Linguística, considerava redundante o termo Sociolinguística, assim como cita na introdução de sua obra: “por vários anos, resisti ao termo sociolinguística, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social” (LABOV, 2008, p.13). A linguística, portanto, é social, não havendo uma nova disciplina; para o sociolinguista variacionista, foi dado apenas o verdadeiro enfoque, “uma linguística socialmente realista”.

Coube a Bright o esforço inicial de explicitar o conteúdo da sociolinguística; “insistindo no caráter inovador, ele formula uma série de vagas ideias sobre a relação entre língua e sociedade, termina afirmando que o objeto de estudo da sociolinguística é a diversidade linguística” (MONTEIRO, 2000, p.15).

Esta disciplina nasceu, reiteramos, da preocupação de analisar desempenhos escolares de crianças pertencentes a grupos sociais de menor poder econômico, de descrever as variedades existentes dentro de uma comunidade de fala e, atualmente ela já engloba quase tudo que relaciona o estudo da linguagem com o seu contexto sociocultural, e por incorporar “terreno” tão vasto, dificulta-se a delimitação da sua área de estudo, tendo que a dividir em Micro e Macrossociolinguística (MONTEIRO, 2000, p. 26).

Conforme Monteiro (2000, p.26), a macrossociolinguística “trata das relações entre a sociedade e as línguas como um todo”, enquanto a microssociolinguística “analisa os efeitos dos fatores sociais sobre as estruturas linguísticas, utilizando-se para tanto de testes estatísticos. Na realidade, inclui tudo o que diz respeito à teoria da variação [...]”.

Os estudiosos do Círculo Linguístico de Praga preocupavam-se com os aspectos da macrossociolinguística. Um exemplo citado por Bortoni-Ricardo (2014, p. 39-40) “é a postulação de uma escola de três níveis quanto à intelectualização e à complexidade nas línguas [...]”. Outro componente da macrossociolinguística citado pela autora “[...] é a

própria descrição do domínio e da história externa de uma língua, bem como do grau de letramento em uma comunidade de fala [...]”.

A aceção estabelecida por Mollica (2015, p. 09) resume o que está sendo posto até o momento sobre a sociolinguística:

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos.

Aqui no Brasil, tal disciplina, explica Bortoni-Ricardo (2014), aportou na década de 1970, no Rio de Janeiro, através da sua vertente Variacionista, a pioneira dentre as demais. Porém, em alguns estados já havia o interesse em se estudar gramática, não só no seu modelo tradicional, mas por meio da Dialetoлогия. As pesquisas sociolinguísticas, na vertente variacionista, tiveram início na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), encabeçadas por Anthony Naro e atualmente se espalhou pelo país, há um grande interesse em se pesquisar e estudar as variações linguísticas do país, através de coletas de falas para posterior catalogação das variantes.

Conforme Araújo (2011), um dos projetos pioneiros é o Norma Linguística Urbana Culta (NURC). Com o advento da sociolinguística, sentiu-se a necessidade de coletar dados reais da fala, ou seja, da língua em uso, para tanto se fez necessário juntar um *corpus* para a pesquisa e posterior análise do português brasileiro. No entanto, o primeiro projeto NURC visava coletar apenas a “norma culta”, descrever o falar culto brasileiro, neste caso só fazia parte do *corpus* a fala de pessoas com alto *status* de escolaridade e função social, ficava à parte o falar “não padrão”.

Mas, ainda segundo Araújo (2011), da década de 70 para cá, após a criação do projeto pioneiro, já é de conhecimento outros projetos desenvolvidos Brasil afora, como a Variação Linguística no Sul do Brasil (VARSUL) e o Variação Linguística da Paraíba

(VALPB), criados em 1982 e 1993 respectivamente, os quais contam com um banco de dados contendo a fala dos informantes para a pesquisa sociolinguística.

No entanto, no que concerne à divulgação da Sociolinguística em nosso país, segundo Bortoni-Ricardo (2014, p.07), os estudos nesta área expandiram-se muito no século XX, mas, conforme aponta Bagno (2007b, p. 18), ainda tem divulgação restrita. Segundo Bagno (2007b, p. 22),

[...] se a sociolinguística tem um papel a desempenhar na educação linguística dos cidadãos brasileiros, esse papel é *de reconhecimento da heterogeneidade intrínseca da sociedade brasileira* e, portanto, da inescapável heterogeneidade da nossa realidade linguística.

Significa dizer que vivemos num país permeado por diferenças linguísticas e, ao aprofundarmos o nosso conhecimento na área da sociolinguística, poderemos reconhecer tais diferenças e entendê-las.

Após essa viagem pela origem e conceitos da Sociolinguística, veremos, a seguir, sobre a vertente variacionista, foco desta publicação.

2.1 Sociolinguística Variacionista

A Sociolinguística Variacionista tem como seu fundador William Labov, que promoveu a articulação entre língua e sociedade, sendo passível de análise tal ligação, tendo como foco principal a variação e a mudança linguística. “A Sociolinguística laboviana é também conhecida como correlacional, por admitir que o contexto social e a fala sejam duas entidades distintas que podem ser correlacionadas” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 53).

A Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação e Mudança Linguística de Labov tem como estudo primordial a mudança linguística, sendo também considerada Sociolinguística quantitativa, por desenvolver pesquisas e análises que resultam em resultados estatísticos, com o intuito de analisar e descrever os dados da fala espontânea.

Mollica (2015, p. 09-10) assinala que a “Sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente”.

Na pesquisa variacionista, o pesquisador para melhor compreender a língua e o seu processo de mudança, utiliza-se de conhecimentos de outras ciências, como a Antropologia, Sociologia, História, ressaltando assim a multidisciplinaridade da sociolinguística.

Labov critica a concepção de língua adotada por Saussure, pois se este considera a língua homogênea, na qual todos os indivíduos possuem o conhecimento de sua estrutura, bastaria analisar apenas um indivíduo ou observar a si mesmo para estudar o aspecto social da língua. Assim, segundo o autor, temos o paradoxo saussureano: “[...] o aspecto social da língua é estudado pela observação de qualquer indivíduo, mas o aspecto individual somente pela observação da língua no seu contexto social [...]” (LABOV, 2008, p. 217-218).

Labov (2008), em contrapartida aos trabalhos postulados pelos estruturalistas e gerativistas, aborda como o principal de seu estudo o componente social aliado à análise linguística. Para este autor, bem como os demais sociolinguistas, “[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (p. 21).

Tendo escolhido seu objeto de estudo, a estrutura e evolução da linguagem, evolução no sentido próprio da mudança linguística sem estar envolta de nenhum preconceito, verifica-se que a língua é dinâmica e não estável, passível, pois, de mudanças; Labov teve como guia, nesta nova empreitada linguística Uriel Weinreich que propôs a construção de um ensaio em conjunto com Marvin Herzog, cujo título *Fundamentos empíricos para uma teoria de mudança linguística (Empirical foundations for a theory of*

language change) veio consolidar o trabalho de Labov na ilha de Martha's Vineyard em Massachusetts, que estudava a variação dos ditongos [ay] e [aw]; além do seu estudo sobre a estratificação do [r] pós-vocálico na fala de moradores da cidade de Nova York (LABOV, 2008). Através da metodologia de coleta e análise de dados, o sociolinguista variacionista analisa probabilisticamente a comunidade de fala, analisando a variação e a mudança, de acordo com critérios internos e externos a língua.

O sociolinguista, durante o seu ofício de observação e análise, não concebe a ideia de que uma forma é mais adequada ou inferior à outra, pelo contrário, há diferentes opções de se dizer a mesma coisa. O que vai influenciar nessa escolha são os fatores internos, pois, assim como na mudança linguística, a variação também pode ocorrer no nível fonológico, sintático, morfológico, semântico-lexical e discursivo, além de receber influência dos fatores externos à língua, tais como origem social, sexo, escolaridade, idade e formação social (BAGNO, 2007b).

Para muitas pessoas, termos são vistos como equivalentes à variação linguística, os quais podem parecer confusos, pois muitos não sabem se são termos sinônimos ou não, tais como: variedade, variação, variável e variante. Merecendo, pois, uma breve distinção, ressalta-se que são termos complementares, com diferentes noções. “Damos o nome de **variedade** à fala característica de determinado grupo” (COELHO *et al.*, 2015, p. 14). No Brasil, temos vinte e seis estados, além do Distrito Federal, compostos por vários municípios. Então, temos, por exemplo, a variedade cearense, a variedade lavrense; variedade linguística é um modo de falar uma língua, todos falamos o português brasileiro, no entanto, este se segmenta em vários critérios: geográfico, social, profissional, dentre outros. Há características que diferenciam a fala de um grupo social de outro, por exemplo, a fala dos advogados é diferente da fala dos padres, por isso existe a variedade.

Para o conceito de **variação**, achamos coerente a metáfora proposta por Bagno (2007b, p. 39): “[...] debaixo do guarda-chuva chamado LÍNGUA, no singular, se abrigam diversos conjuntos de realizações possíveis dos recursos expressivos que estão à disposição dos falantes.” Significa dizer que a variação linguística ocorre porque dentro de um mesmo contexto linguístico, há termos ou expressões com o mesmo sentido, o mesmo referencial. Ela permite que uma expressão possua termos equivalentes, sendo seu uso condicionado pelo momento de interação. Ela vai confirmar a visão da língua como um sistema heterogêneo.

No entanto, quando não se tem o conhecimento e embasamento na variação linguística, as pessoas costumam classificar as palavras ou expressões em mais “adequadas” e “corretas” do que outras, fazendo com que surja o famoso preconceito linguístico, estereotipam o falar em “culto” ou “coloquial”. Uma forma linguística passa a ter maior prestígio enquanto outras são estigmatizadas. Costumamos ouvir, seja na sala de aula ou até mesmo por alguns membros da sociedade, a famosa expressão “é preciso saber gramática para falar e escrever bem” (BAGNO, 2007a, p. 62), então quem nunca frequentou a escola e não teve acesso aos compêndios normativos, na maioria das vezes, é taxado como não conhecedor do “bem falar e escrever” e passa a ser visto à margem da sociedade.

Porém, não devemos nos esquecer de que cada grupo social possui características que lhes são peculiares, pois tais características são condicionadas por diversos fatores, como: origem, idade, escolaridade, sexo, dentre outros. Quando passamos a conhecer a variação linguística que nos permeiam, passamos a aceitar que há falares diferentes, não temos mais que classificar falares em certo ou errado, devemos ter a consciência de que o mais importante é estabelecer a comunicação e não ficarmos atrelados a certos mitos (BAGNO, 2007a).

E ainda não há uma pessoa que fale de único modo, a variação acontece até mesmo no nível individual; ocorre a adaptação do discurso de acordo com os seus componentes: interlocutores, contexto social, situação em que ocorre a comunicação; há motivações que nos impulsionam a adotar a forma de falar em dado momento. Adequamo-nos o nosso falar, o nosso comportamento à situação a qual fomos expostos (COELHO *et al.*, 2015).

Dentre os diversos tipos de variação, optamos pela variação fonológica e descreveremos a seguir, dois de seus processos fonológicos: a monotongação e o alçamento das vogais médias.

2.2 Monotongação e alçamento da vogal média

Para que entendamos melhor o processo de monotongação, precisamos, de antemão, relembrarmos o que seja ditongo, assunto este que aprendemos ainda no ensino fundamental. Da forma como muitos de nós aprendemos, o ditongo é a junção de uma vogal e uma semivogal que não se separam; nas palavras de Cristóvão-Silva (2010, p. 73), “ditongo é uma vogal que apresenta mudanças de qualidade continuamente dentro de um percurso na área vocálica”. Como mostra a autora, ao pronunciarmos uma palavra que contenha ditongos, iremos ouvir a sequência de segmentos, um sendo a vogal e o outro a semivogal ou glide, como na palavra “pai”. No entanto, quando as vogais não apresentam mudança de qualidade ao pronunciá-las, estaremos diante do processo de monotongação.

A monotongação, a primeira categoria analisada nesta pesquisa, é um processo fonológico que consiste na passagem de ditongos /ei/, /ai/, /ou/, por exemplo, à situação de vogais simples, /e/, /a/, /o/ e que são cada vez mais frequentes, sobretudo, quando ocorrem na sequência [ow] e [ey]. Câmara Jr. explica o processo como:

Mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples. Para pôr em relevo o fenômeno da monotongação chama-se, muitas vezes, monotongo, à vogal simples resultante, principalmente quando a grafia continua a indicar o ditongo e ele ainda se realiza numa

linguagem mais cuidadosa. Entre nós há, nesse sentido o monotongo ou /ô/, ai /a/, ei /ê/ diante de uma consoante chiante (1977, p.170).

O processo descrito é muito comum na oralidade, uma vez que ao pronunciarmos as palavras, não temos total controle sobre elas e falamos muitas vezes sem perceber que nos esquecemos de uma semivogal, não interrompendo, contanto, o processo de comunicação. Esse processo é comum na fala de qualquer pessoa, letrada ou não.

Mesmo sendo um processo comum da oralidade, há ainda contextos que propiciam o processo fonológico de monotongação, contextos favorecedores (QUADRO 01).

Quadro 01: Contexto de aplicação da monotongação.

Ditongos	Contexto propício à monotongação
[aj]	/j/ → caixa
[ej]	/r/ → cadeira /j/ → deixo /ʒ/ → beijo
[ow]	→ Todos os contextos fonológicos → Desinência verbal

Fonte: Martins *et al.*, 2014.

O processo fonológico de alçamento das vogais médias, muito evidente também na oralidade, é a mudança fonética das vogais /e/ e /o/ por /i/ e /u/, respectivamente. Tal processo é decorrente das transformações das palavras de origem latinas. Conforme Bagno (2007c), na língua medieval palavras como “livro” que advém de “libru” era pronunciada com o som de /o/, a partir do período clássico da língua, muitas palavras sofreram alçamento e passaram a ser pronunciadas como conhecemos no português brasileiro. No entanto, esse traço de variação já era percebido por estudiosos da época medieval, assim como relata Fernão de Oliveira:

Das vogais, entre **u** e **o** pequeno há tanta vizinhança, que quase nos confundimos, dizendo uns sorrir e outros surrir e dormir ou durmir e bolir ou bulir e outras muitas partes semelhantes. E outro tanto entre **i** e **e** pequeno, como memória ou memórea, glória ou glórea. (1975 [1536], p. 64).

Como vemos, era notório, na época medieval, a variação da língua. No decorrer do tempo, deparamo-nos com inúmeras pesquisas, nesse contexto do alçamento das vogais médias, como a de Bisol (1981) que pesquisa a elevação no dialeto gaúcho e Abaurre-Gnerre (1980), que tem seu estudo baseado nos "Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do Português do Brasil". Outro exemplo é Passos, Passos e Araújo (1980) que fizeram um estudo sobre a relação entre levantamento da vogal média pretônica no dialeto baiano e tantos outros pesquisadores, não menos importante, que têm interesse por saber mais sobre este processo fonológico, principalmente no contexto atual.

Há estudos, como o de Bisol & Collischonn (2009), que demarcam contextos favorecedores ao alçamento das vogais médias, condicionadores linguísticos e sociais, tais como: contexto vocálico da tônica, tipo de sílaba, contexto precedente, classe gramatical, sexo e escolaridade.

Em todos os espaços e tempos, deparamo-nos com os processos fonológicos, especificamente estes dois que aqui elencamos, reafirmando que a língua varia, é plural e que, mesmo através destas variações, ainda há a interação. A sala de aula é um ambiente rico em diversidade, então devemos, enquanto professores, fazer uso dela para promover um ensino que resulte em aproveitamento e aprendizagem.

3 ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS CONTOS

O conto *A fuga de Lampião em Lavras da Mangabeira- Ceará*, contado pelo senhor José Teles da Silva, centra-se na passagem do famoso rei do cangaço, Lampião, pela cidade de Lavras da Mangabeira. Lampião, destemido cangaceiro, chega à cidade de Lavras sem saber, pois já havia sido advertido por Padre Cícero que não deveria passar nas terras do Coronel Raimundo Augusto. Um olheiro, vendo a chegada de Lampião, avisa ao coronel

que prepara um combate ao bando. No entanto, no meio do caminho o bando do coronel se depara com a polícia de Cajazeiras-PB e entra em confronto, pois ambos os lados pensavam que se tratava do bando de Lampião. Quando Lampião escuta os tiros do combate, sai correndo com seus cangaceiros, deixando para trás todos os seus pertences.

Ao analisar esse conto, descreveremos na primeira tabela o achado de monotongação e, na segunda, o que encontramos de alçamento das vogais médias. Utilizamos o termo variável para se referir à palavra na sua forma padrão e variante para a forma dita pelo contador. Vejamos a Tabela 1.

Tabela 01: Monotongação no conto FLLM.

Variável	Variante
Carneiro	Carnêro
Dinheiro	Dinhêro
Houve	Hôve
Criou	Criô
Começou	Começô
Desesperou	Desesperô
Ficou	Ficô
Pouco	Pôco
Baixo	Baxo
Agradou	Agradô
Botou	Botô
Limoeiro	Limoêro
Juazeiro	Juazêro
Ribeira	Ribêra
Pegou	Pegô
Chegou	Chegô
Passou	Passô
Vou	Vô
Arranchou	Arranchô
Deparou	Deparô
Selou	Selô
Chamou	Chamô
Escapou	Escapô
Perguntou	Perguntô
Levou	Levô

Mandou	Mandô
Lembrou	Lembrô
Entregou	Entregô
Apresentou	Apresentô
Matou	Matô
Terminou	Terminô
Ponteiro	Pontêro
Deixado	Dexado
Gritou	Gritô
Sobrou	Sobrô
Trabalhou	Trabalhô
Comprou	Comprô
Almoçou	Almoçô

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

No conto FLLM, fica evidente o processo da mudança fonética, pois observamos a passagem dos ditongos /ei/, /ai/, /ou/, conforme destacado em negrito, à situação de vogais simples, /e/, /a/, /o/. Percebemos ainda que isso é mais frequente, sobretudo, quando ocorre na sequência [ej] e [ow], como em *dinheiro* e *carneiro*, que passam a /dinhêro/ e /carnêro/. No entanto, a presença da sequência [aj], na narrativa, é pouca, há apenas na palavra *baixo*, que é proferido pelo enunciador como /baxo/. Nesse caso, o processo se deu devido ao contexto fonológico, ou seja, de o fonema seguinte [j] ao ditongo ser uma palatal, caso muito comum ao favorecimento da monotongação. Outro caso bastante comum para acontecer o apagamento da semivogal é quando o ditongo é uma desinência verbal, como em *comprou* e *sobrou* que passam a /comprô/ e /sobrô/, este último caso é o mais comum dentre os demais, conforme tabela acima.

Esclarecido o processo de monotongação nos três contos selecionados, passaremos a analisar outro processo de alçamento das vogais médias. O alçamento das vogais médias nada mais é do que a troca da vogal /e/ por /i/ e da vogal /o/ por /u/, muito comum na fala. Vejamos a Tabela 4.

Tabela 04: Alçamento das vogais médias no conto FLLM.

Variável	Variante
Gente	Genti
Que	Qui
Combate	Combati
Pequeno	Piquenu
Parte	Parti
Desfalcado	Disfalcadu
Homem	Homi
Muito	Muitu
Recebido	Ricebidu
Alto	Altu
Rumo	Rumu
Grande	Grandi
Sobe	Sobi
Frente	Frenti
Onde	Ondi
Poço	Poçu
Desde	Desdi
Defronte	Difronti
Chegue	Chegui
Fique	Fiqui
Bocado	Bucadu
Senhor	Sinhor
Benício	Binício
Leandro	Liandro
Brigue	Brigui
Coragem	Coragi
Vestida	Vestida
Cinco	Cincu
No	Nu
Quando	Quando
Povo	Povu
Sabe	Sabi
Com	Cum
Podia	Pudia
Canto	Cantu
Menos	Menus
Devia	Divia
Governador	Guvernador
Quatrocentos	Quatrocentus
Governo	Guvernu
Pediu	Pediu
Espada	Ispada
Selado	Seladu
Fome	Fomi
Levando	Levando
Descia	Dicia

Amigo	Amigu
Palmo	Palmu
Costume	Custumu
Tempo	Tempu
Bonita	Bunita
Conheço	Cunheço
Memorizado	Mimorizado
Memorizo	Mimorizo
Estou	Istou

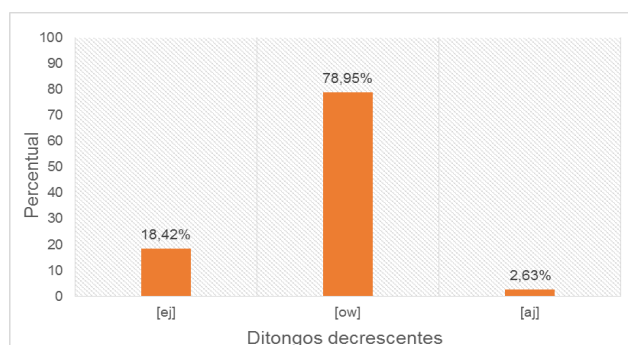
Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

No conto FLLM, podemos ver, em destaque, o processo de alçamento das vogais médias, tanto pretônicas quanto átonas finais. A diferença que existe entre uma e a outra é que no primeiro caso, pretônicas, ocorre a perda da distinção entre vogais médias na primeira sílaba, como em *descia*, por /dicia/, ou *começo* por /cumeço/. Já no caso das átonas finais, o processo ocorre no final de palavras, como na variável *tempo* que passa a /tempu/ ou *menos* por /menus/. Há a elevação, por isso o processo é chamado de alçamento, de /e/ e de /o/ por /i/ e /u/.

Notamos em nossa pesquisa, além de outras pesquisas também já terem apontado, que um dos fatores que contribuem para a elevação da vogal é o arquifonema /S/, como nas palavras *espada*, *estou*, *costume*, *vestida* que passam, respectivamente a /ispada/, /istou/, /custume/ e /vistida/.

Esses mesmos dados em gráficos podem ser visualizados abaixo.

Gráfico 01: Quantificação de monotongação no conto FLLM.

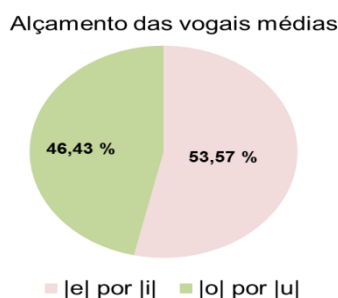


Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Constatamos que, no Gráfico 01, há um maior número de ocorrência de palavras com a monotongação do ditongo [ow], com um percentual de 78,95%, seguido pela monotongação do ditongo [ei] com 18,42% e apenas 2,63% para a monotongação do ditongo [aj]. Comprovamos que, realmente, conforme pesquisa² já divulgada, que o maior número de ocorrências ocorre com o ditongo [ow] e quando este é desinência verbal.

Vejamos o Gráfico 4 do processo de alçamento das vogais médias.

Gráfico 04: Quantificação de alçamento das vogais médias no conto FLLM.



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

No conto FLLM, das 56 variantes coletadas, 30 eram em contextos de /e/, apresentando um percentual de 53,57% de alçamento, e 26 contextos de /o/, com um percentual de 46,43% de alçamento. Neste caso, foi maior o processo de troca do /e/ por /i/.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas narrativas populares, o ser humano se encontra, com seu jeito próprio de expressar suas atitudes, crenças e emoções. São histórias que transmitem ao homem, ensinamentos e modelos do bem e do mal. Essas narrativas são divulgadas por meio da oralidade, de boca a boca, no meio dos terreiros, nas calçadas iluminadas pelo luar e proferidas, geralmente, por pessoas mais velhas. A língua falada por esses contadores era

² Sugerimos, para maiores informações, a seguinte Dissertação, que aborda a pesquisa supracitada: SILVA, F. **O processo de monotongação em João Pessoa**. João Pessoa, 1997. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba.

rica em espontaneidade, “sem preparativos”, nem seguia critérios estabelecidos para o “melhor” uso dela.

Este estudo mostra-nos a realidade da fala do povo, do seu contexto social, aspecto que pode ser levado à sala de aula para o estudo do uso da língua em sua dinamicidade. Quando falamos em contos populares, acreditamos há a ligação entre o prazer e o desenvolvimento dos processos cognitivos, pois os alunos, podem, além de se divertir por meio das histórias, desenvolver melhor a oralidade, superar a timidez, com um maior entrosamento entre professor/ alunos e alunos/alunos, melhorando a sociabilidade. Sendo assim, ressaltamos, a cultura popular pode e deve ser aproveitada para que o professor, de qualquer área, desenvolva pesquisas em qualquer assunto.

Os resultados das análises dos dois processos fonológicos fazem-nos concluir que, no processo de monotongação, os casos mais frequentes ocorrem com o ditongo [ow], este enquanto desinência verbal. Já para o processo de alçamento das vogais médias, os resultados permitem-nos concluir que no dialeto lavrense o alçamento do /e/ por /i/ é mais frequente do que o alçamento do /o/ por /u/.

Percebemos que no conto FLLM há alto número de variantes com o processo fonológico de monotongação e também de alçamento das vogais médias, podemos ressaltar que este conto é o mais extenso em detalhes, além de que fatores sociais também podem ter interferido para que ocorresse essa maior incidência, por exemplo, a idade do falante, pois o contador tem 82 anos de idade, e também há a interferência da escolaridade, pois ele pouco frequentou a escola.

Esse exemplo de análise nos habilita, enquanto docente de Língua Portuguesa, a compreender com uma maior consciência os fenômenos da variação, acolhendo o diferente não como erro, mas como outra possibilidade de expressão, eficientemente igual em seu valor comunicativo.

Resta-nos a satisfação de conhecer e levar para as nossas salas de aulas a Sociolinguística, dando voz ao nosso aluno, conscientizando-o dos mais diversos usos da língua, com a sua gama de variações e seus contextos de usos. Isso é facilitado com o conhecimento teórico e, ainda, com a oportunidade de alinhá-lo a nossa prática.

REFERÊNCIAS

ABAURRE-GNERRE, Maria Bernadete Marques: (1981), "**Processos fonológicos segmentais como índices de padrões diversos nos estilos formal e casual do Português do Brasil**", In: Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, n.2, p.23-45.

ARAÚJO, Aluiza Alves de. **O PROJETO NORMA ORAL DO PORTUGUÊS POPULAR DE FORTALEZA NORPOFOR**. Cadernos do CNFL, Rio de Janeiro: CiFEFiL, v. XV, n.5, t. 1.,p. 835-845, 2011.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, edição 49, 2007a.

_____.**Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007b.

_____.**Gramática Histórica: do latim ao português brasileiro**. Brasília: UNB, 2007c.

BISOL, Leda. **Harmonização vocálica: uma regra variável**. 1981. 332 f. Tese (Doutorado em Lingüística. Área de concentração: Lingüística e Filologia) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela (organizadoras). **Português do Sul do Brasil: variação fonológica [recurso eletrônico]**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. 184 p.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____.**História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CASCUDO, Luís Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1984.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2015, (coleção para conhecer linguística).

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, Marco Antonio. VIEIRA, Silvia Rodrigues. TAVARES, Maria Alice, (orgs.). **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luiza, (orgs.). **Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Fernão de. **A gramática da linguagem portuguesa**: introdução, leitura atualizada e notas por Maria Leonar Carvalho Buesco. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1975 [1536].

PASSOS, Claiz, PASSOS, MariaEmiliana& ARAÚJO, Sumaia S.: (1980), "**Implicações teóricas do levantamento pré-tônico do Português**", in: Anais do V Encontro Nacional de Linguística, Rio de Janeiro, PUC/RJ, VoU, p.233- 42.

SILVA, Fabiana de Souza .**O processo de monotongação em João Pessoa**. João Pessoa, 1997. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba

SILVA, Thaís Cristófar.**Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2010.